

*Pelas fendas do espaço:
geografias lésbicas em "Oito do Sete" (2017),
de Cristina Judar*

Through the slits of space:
lesbian geographies in Cristina Judar's *Oito do Sete* (2017)

Elisabete Costa Silva

Universidade Estadual de Santa Cruz

André Luis Mitidieri Pereira

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Este trabalho consiste na análise do romance *Oito do Sete* (2017), de Cristina Judar, em relação à emergência de espacialidades sob o ponto de vista lésbico. Apoiamo-nos nas discussões de Browne e Ferreira (2015) e Polesso (2018), no que tange às “geografias lésbicas”, para refletir sobre como os corpos lésbicos podem funcionar enquanto superfícies de (re)significação dos espaços. Nesse sentido, buscamos identificar, na obra literária em destaque, as estratégias adotadas por personagens lésbicas quanto à negociação de lugares onde são ou não aceitas, bem como à resistência a situações de violência às quais são expostas.

Palavras-chave: Cartografias dissidentes. Literatura lésbica. Literatura brasileira contemporânea.

Abstract: This article aims to analyze Cristina Judar's *Oito do Sete* (2017), with regard to the emergence of spatialities from the lesbian point of view. We are based on the discussions of Browne and Ferreira (2015) and Polesso (2018) about “lesbian geographies”, which allow us to reflect on how lesbian bodies can function as surfaces of (re)signification of spaces. In this sense, we seek to identify, in the literary work highlighted, the strategies adopted by lesbian characters to negotiate places where they are or are not accepted, as well as to resist to situations of violence to which they are exposed.

Keywords: Dissident cartographies. Lesbian literature. Contemporary brazilian literature.

Elisabete
Costa Silva

André Luis
Mitidieri
Pereira

366

Escrevo com meu corpo inteiro, seus gestos e ações, com as sensações que o acometem, seus impulsos nervosos. Escrevo com as opressões que o interceptam. E com os prazeres. Meu corpo quando ocupa os espaços é um corpo lésbico composto de rebeldia. Com esta rebeldia, escrevo.

(Natália Borges Polezzo)

Adrienne Rich (2010), nome imprescindível para se pensar as questões de gênero no mundo Ocidental contemporâneo, sugere que o regime da heterossexualidade compulsória é o grande responsável pela retirada de poder das mulheres, uma vez que obriga o corpo feminino a apresentar-se dentro de uma performance específica e limitada, em nome de sua legitimidade social. Segundo essa lógica, pensar um corpo feminino inclinado ao desejo homoerótico confere-lhe uma autonomia incompreensível, além de um espaço, quando existente, resumido ao âmbito privado ou, ainda, às fantasias presentes no imaginário do homem cis-heterossexual.

De acordo com Paul B. Preciado (2017), todo corpo circula entre arquiteturas políticas que garantem a sua normalização, assim que são elas as responsáveis por produzir o gênero, tal como definido por Butler (2018, p. 3):

O gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos, [...] uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença.

Butler (2018) aponta para a ideia de que o gênero se constitui na repetição de atos, gestos, que são performativos: fabricações sustentadas por atores e por sua plateia social, de modo a se naturalizar. Dessa forma, a teórica assume que os corpos não possuem uma suposta substância interna, totalmente separada da realidade: o sujeito se faz pelo e no discurso que, ao mesmo tempo, se faz pelo sujeito. Assim, o gênero, e, conseqüentemente, o sujeito, passam a significar somente a partir da produção de “efeitos substancializantes” (BUTLER, 2018).

Preciado, por sua vez, vai além, em seu *Manifesto contrassexual* (2014), ao dizer que “o gênero não é simplesmente performativo, como desejaria Judith Butler. [...] Ele é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos” (PRECIADO, 2014, p. 29). Tal materialidade é indissociável das normas regulatórias que a governam, o que nos faz lembrar a heterossexualidade compulsória, de Rich (2010), e as performances só podem ser compreendidas porque são reiterações discursivas que produzem, elas próprias, os fenômenos de regulação e violência. Uma vez materializados, no entanto, esses corpos também se tornam capazes de expor tais fenômenos:

Os corpos nunca acatam inteiramente as normas mediante as quais se impõe sua materialização. [...] São as possibilidades de re-materialização que marcam um espaço no qual a força da lei reguladora pode voltar-se contra si mesma e produzir rearticulações que questionem a força hegemônica destas mesmas leis reguladoras (BUTLER, 2002, p. 18).

Compreendido que o gênero nada possui de inato, fixo, pré-discursivo, podemos pensá-lo de outros jeitos, que não o concebido pela lógica binária. Essa tarefa, porém, envolve uma gama de mecanismos e ferramentas, que permitam desviar o olhar dessa ordem social “naturalizada”, mantida em hierarquias conceituais entre o universal – o homem cis-heterossexual –, e o Outro – as mulheres, os homens trans, as lésbicas, bissexuais etc.

Se é por meio do corpo, em sua materialidade, que o indivíduo se subjetiva no espaço, são as relações – de assimetria, de poder, de dominação – que garantem a constituição de uma rede de significados e sentidos dos lugares, da porção do espaço do qual o corpo se apropria em sua constituição. Dito de outro modo: um espaço torna-se lugar quando ocupado, apropriado por meio de experiências e relações intersubjetivas. Não há, dessa forma, como pensar esses sujeitos, suas performances, sem, antes, pensar nos espaços em que eles transitam, se relacionam, são ou não aceitos. É a partir dessa perspectiva que adotamos o termo “geografias lésbicas”:

Lesbian place making is complex and multifaceted, and takes different theoretical frames. Moreover, these negotiations, resistances, appropriations and reworking are not stable or neces-

sarily coherent. They do not fit the norms of the geographical discipline, and have reworked thinking about space, place and territories, requiring different ways of engaging with sexualities and spaces (BROWNE; FERREIRA, 2015, p. 10).

Elisabete
Costa Silva

André Luis
Mitidieri
Pereira

368

Não se trata, pois, de criar outra categoria homogênea e normalizante de pensar a geografia, mas sim de trazer à tona horizontes discursivos, escritos e de pesquisa por tanto tempo invisibilizados. Tendo isso em mente, neste trabalho, buscamos fazer um breve – mas importante – exercício de olhar contra-histórico: o de observar o mundo a partir da perspectiva lésbica¹. Para tanto, partimos da literatura, enquanto espaço social e, portanto, também um campo de disputas, por acreditarmos que ela, em maior ou menor grau, é capaz de empreender as mais diversas possibilidades de relações entre os corpos, além de funcionar como mecanismo ora de manutenção, ora de resistência às hierarquias ideológicas e de poder. Sob esse ponto de vista, o espaço ficcional configura um valioso instrumento de reflexão sobre questões sociais e culturais, como são as relações entre gênero e geografia, permitindo explicitar suas contradições e vislumbrando, muitas vezes, possibilidades de superação e/ou renovação de contratos tidos como naturais.

Nesse sentido, propomos uma análise do romance *Oito do Sete* (2017), de autoria *queer* de Cristina Judar, visto que enxergamos, nessa obra literária, inúmeras possibilidades de compreender as ditas minorias sexuais e de gênero em sua complexidade, bem como de pensar a espacialização de sujeitos às margens do protagonismo social. Mais especificamente, estamos interessados nas possibilidades de encontrar e (re) significar, a partir do romance, “espaços onde o trânsito das lésbicas e/ou mulheres *queer* seja possível” (POLESSO, 2018, p. 6). Como os lugares ocupados por essas personagens influenciam nas suas performances? Quais estratégias de resistência ao *status quo* são – ou não – empreendidas por elas? Essas são reflexões fundamentais para que possamos reconhecer a importância do corpo, de sua materialidade, como superfície de negociação e de aceitação em determinados espaços, bem como pensar outras formas de (re)existir e, assim, reconfigurar os espaços geográficos e literários, quanto ao engendramento de geografias lésbicas.

1 Viviane Vergueiro (2019) afirma que, com frequência, as investigações sobre as dissidências sexuais e de gênero têm sido realizadas a partir de olhares hegemônicos, o que culmina em novas formas de invisibilização. Aqui, buscamos seguir um caminho decolonial, semelhante ao que é adotado pela pesquisadora trans+feminista, ao articular referências e saberes provenientes das minorias.

As fendas abertas por Magda

Marcamos o espaço na desobediência de sair e andar pela cidade como bem entendemos. Reagimos à precariedade que enfrentamos por sermos diferentes daquilo que a norma estabelece. Há uma grande diferença entre não ser notada e ser respeitada. Se os passantes não têm memória, as ruas têm. É nelas que me fio.
(Adriana Galuppo)

Quatro são as vozes que constituem a narrativa de *Oito do Sete*: um casal de mulheres, Magda e Glória, um anjo, Serafim, e uma cidade, Roma. Seguindo uma estrutura que foge ao padrão narrativo clássico, ordenado e com fluxo, cada personagem conta algumas passagens de suas vidas pregressas, delineando suas impressões, seus pontos de vista, inclusive, sobre os mesmos acontecimentos, de modo a visualizarmos como cada uma delas se relaciona com e/ou negocia os espaços. No decorrer da trama, acompanhamos passagens e transformações fundamentais na vida das personagens, que reagem cada uma à sua maneira. A partir dessas relações, tentaremos analisar a personagem Magda, seus trânsitos, bem como as violências impostas ao seu corpo-mulher-lésbica ao longo da narrativa.

A primeira questão a ter em mente, em se tratando das geografias lésbicas, é a distinção entre o público e o privado, enquanto categoria política que reforça, ela mesma, a já citada heterossexualidade compulsória, uma vez que representa a divisão sexual dos papéis e das tarefas (PERROT, 2005). Segundo essa lógica, o espaço público tem se caracterizado, simultaneamente, “pela exclusão da feminilidade e da homossexualidade e pelo prazer oriundo dessas segregações” (PRECIADO, 2017, p. 13). Nesse contexto, resta, às mulheres lésbicas e/ou *queer*:

uma base geográfica não tão clara na cidade e espaços mais interiores e íntimos, o que as priva – em grande proporção – de ter uma organização política tão evidente e nítida. [...] A lésbica se vê desmaterializada de modo que a sua inserção no espaço é fantasmática, ela tem a qualidade de uma sombra, tem uma condição transparente (PRECIADO, 2017, p. 6).

Considerando a importância das espacialidades para os processos de subjetivação, o aparecimento da mulher lésbica nas ruas, como sujeito e não objeto, configura um marco importante também para a

literatura. Nesse sentido, a representação desse surgimento, feita por uma voz narrativa *queer*, evoca mudanças no campo epistemológico e desestabilizações nas estruturas canônicas. É sob esse viés que introduzimos a personagem Magda, primeira narradora de *Oito do Sete*:

Elisabete
Costa Silva

André Luis
Mitidieri
Pereira

370

Na adolescência, eu usava a cor roxa como forma de contestação, como aliada nos momentos de dificuldade. [...] As freiras, de suas bocas espumantes de tesão virginal, perguntavam o que havia de errado comigo, eu não agia de acordo com os princípios da igreja, daí os episódios de coação legítima, as reuniões na sala da diretoria, suas vozes repercutidas nas paredes, os solenes móveis regados a lustra-móveis. *JC arfava no crucifixo, as freiras nunca saberiam o que era carregar o peso do mundo no peito* (JUDAR, 2017, p. 24, grifos meus).

Desde muito jovem, Magda precisou negociar suas subjetivações em meio a um espaço de profundo conservadorismo. Uma de suas estratégias foi justamente a de se distinguir, de incomodar. A produção de sentido implícita na sua forma de contestação leva-nos a pensar na escolha pela cor roxa (ou púrpura), que tem presença marcante na arte, na literatura, na história: desde o cinturão roxo de Ajax, na *Ilíada* de Homero; nos cobertores roxos do leito nupcial de Odisseu, na *Odisseia*; nos poemas de Safo, em que a fabricação de sapatos roxos era celebrada; na busca do rei Salomão por tecidos roxos, para decorar o seu templo em Jerusalém.

No fim do excerto em destaque, há ainda uma menção a Jesus Cristo, mais especificamente, à passagem que antecede a sua crucificação. Nela, JC é coberto por trajes roxos, o que, àquela época, era próprio da realeza. Vesti-lo assim servira de zombaria por ele ter-se afirmado “rei dos judeus”. Ao comparar-se à personagem emblemática do Cristianismo – fato que enfurece as freiras –, Magda põe-se na pele daqueles que não são compreendidos, nem tampouco aceitos, mesmo em seu lugar de origem.

Em outro trecho, a narradora volta a descrever sua aparência, dessa vez, na vida adulta:

Pontudas as botas, o jeans desbotado dobrado na barra, pisei duro por campos macios, cabelo meio raspado, camiseta preta com dizeres dourados, uma ponta de capim-limão triturada pelos dentes da frente. Eu estava repleta de um sentimento praze-

roso, ventos novos na pele do rosto, as formigas me desvelavam, eu desejava traçar possibilidades infinitas de ser (JUDAR, 2017, p. 27, grifos meus).

A indumentária de Magda, sua forma de pisar “duro” e de triturar o capim entre os dentes, de certa maneira, simbolizam um desejo de liberdade, de superação da feminilidade “frágil”, higienizada, especialmente naquele local tão marcado por discursos conservadores e heteronormativos. Essa figura, cujos trajes são lidos como inadequados segundo a perspectiva idealizante da mulher heterossexualizada, sente prazer em afirmar-se como sujeita que inova e que rejeita a subalternidade historicamente designada às suas semelhantes. As roupas, aqui, funcionam como uma interessante metáfora para pensar as performances de gênero, de modo especial, em espaços onde o patriarcado é o carro chefe. Na sequência, Magda, que mora em uma metrópole, revela estar de passagem por uma cidadezinha do interior, na qual havia morado outrora:

[...] fósforo riscado na sola da bota, bati a mão no balcão, é caninha que eu vou querer, ah, rabo de galo, tá, pode ser.
– Você é daqui da cidade? – perguntou o homem enquanto girava a bucha no copo.
– Não, mas morei aqui alguns anos. Meu pai tem uma fazenda na região.
– Fugindo da violência? – O inquérito por debaixo das lentes.
– Não exatamente. *O excesso de paz pode ser mais violento do que a vida urbana*. Aliás, quando canso de não ter o que fazer aqui, faço as malas e parto pra cidade. Não tenho parada definida, é como se eu vivesse, de fato, em trechos espalhados por vários cantos (JUDAR, 2017, p. 27, grifos meus).

Aqui, vem à tona aquilo que considera o filósofo Didier Eribon (2008), quanto à possibilidade de uma vivência plena de sexualidades desviantes: “a cidade grande é um mundo de estranhos. Isso permite preservar o anonimato e, portanto, a liberdade, no lugar das pressões sufocantes das redes de reconhecimento que caracterizam a vida nas cidades pequenas” (ERIBON, 2008, p. 34). Assim, sujeitos de gênero e sexualidades dissidentes têm, historicamente, passado por

Elisabete
Costa Silva

André Luis
Mitidieri
Pereira

372

um processo de emigração, fugido da “paz do interior”, em nome da assunção de subjetividades que somente se tornam “aceitáveis” no perímetro urbano.

Além disso, o trecho citado do romance nos permite observar a possibilidade de um duplo gesto de escrita: a fragmentação e a totalidade do sujeito. Quando afirma não ter parada definida e, por isso, viver como se tivesse trechos seus espalhados por diversos espaços, Magda permite entrever um sujeito fragmentado, que experiencia vivências diversas e, por vezes, contrárias, adversas, no caminho de enfrentamento à heteronormatividade. De outro modo, entretanto, a personagem, que até pouco antes se dizia feliz por respirar novos ares, declara: “eu queria voltar pra cidade, queria voltar a ser o que eu era antes” (JUDAR, 2017, p. 28). Esse trajeto pode ser lido como uma busca por coerência/totalidade desta sujeita, que, em sua integralidade, é composta por partes, pelas experiências que a compõem e a direcionam nos diversos trânsitos entre o campo e a cidade, na composição de uma geografia lésbica.

Na cena que dá continuidade ao episódio do bar, ao retirar-se daquele local, em que já não era mais aceita, Magda se dá conta de que a sua moto havia sido derrubada:

[...] quem empurrou se não havia mais ninguém? Bastião. Volto pro bar, o homem com a cara enterrada no prato, rasgava o bife a cavalo, você viu quem derrubou a minha moto? Não vi, não, unhas de graxa. Então quem derrubou, quem será que derrubou a porra da moto lá fora? Não sei, moça, e fala baixo que aqui ninguém é surdo, acontece, deve ser o vento, ele olhou pro dono do bar e pro zíper da minha calça, pra minha cara, *desde quando mulher se interessa por moto?* (JUDAR, 2017, p. 28, grifos meus).

A queda do meio de transporte de Magda evidencia o mesmo incômodo que, na adolescência, causaram suas roupas roxas, gerado pela não adequação à norma – e que fica ainda mais evidente no espaço campesino, historicamente formado por sociedades mais tradicionalistas e apegadas a costumes mais conservadores. Na medida em que o corpo da personagem, entendido como feminino, desloca-se pelas estradas em cima de uma motocicleta, estigma de masculinidade, ele também indica, metaforicamente, que pode ir a qualquer lugar, como bem entender:

The woman on the outside is implicitly sexually mobile. Her sexuality is no longer controlled by the house. [...] More than this, she endlessly disrupts the boundaries of others, that is, men, disturbing their identity, if not calling it into question. [...] She collapses the inviolate distinction between masculinity and femininity. Her threat to heteropatriarchal definitions is recognized by hegemonic voices, hence the jeering shout ‘Is it a man or is it a woman?’ is a cry of anxiety, as much as aggression. The answer is neither and both: as a Not-Woman, she slips between, beyond and around the linear landscape (MUNT, 1999, p. 110).

No entanto, esse “poder ir” não a torna imune às situações de violência, uma vez que, para as mulheres, especialmente, mulheres lésbicas e/ou *queer*, “the street is an image of freedom and paradoxically of violence” (MUNT, 1999, p. 112). Esse fato mostra que, ainda que muitas tenham sido as conquistas das mulheres, no que diz respeito ao espaço público, o direito de flunar tranquilamente por ele ainda é um privilégio de homens cis-heterossexuais, de modo que as geografias lésbicas não podem simplesmente ser acopladas às geografias homoeróticas, como um todo (BROWNE; FERREIRA, 2015). O que a personagem Magda ilustra, nesse sentido, é tão somente uma possibilidade de enfrentar o machismo e a lesbofobia do cotidiano:

O vento batia, os homens riam/O vidro de conservas arremes-
sado em Bastião/ Tá louca? [...] Vou chamar a polícia, mulher
macho filha da puta!/ Bastião coberto por um manto de vina-
gre e cacos/ Chamem o segurança!/ Minhas unhas roxas ris-
caram o ar/ Chama quem quiser, seu cuzão do caralho/ [...] Gritos às minhas costas. Levantada a moto, o motor rosnava (JUDAR, 2017, p. 27).

As disputas de narrativas, de espaços físicos e simbólicos, não ocorrem de forma aleatória: o corpo, seus contornos políticos e sociais, é o que está em jogo, afinal, é nesse *locus* privilegiado que os discursos produzidos se materializam. Quando, no romance, Magda se levanta contra aqueles homens, ela vira as costas para uma ten-

Elisabete
Costa Silva

André Luis
Mitidieri
Pereira

374

dência histórica, ética e estética, acostumada a silenciar, invisibilizar e violentar tudo aquilo que não é tolerado, que não se encaixa, que está fora da ordem. Dessa forma, a personagem, sua autossuficiência, desloca os discursos tradicionais, masculinos e heteronormatizantes, e reorganiza espaços – de modo a fundar outros modos de narrar a si e àquelas que lhes são semelhantes.

Em outra passagem do livro, a personagem volta a falar sobre a sua relação com a moda: “minhas roupas me ajudavam a ser e era isso o que eu tinha a fazer pelo mundo. [...] *Eu queria dar forma à humanidade sem contornos*. Achava esse meu princípio nobre e lindo” (JUDAR, 2017, p. 41, grifos meus). O orgulho afirmativo de Magda, ao levar as formas e os materiais para o âmbito mais vanguardista, funciona como uma maneira de dirimir as oposições, de dar ao mundo outras configurações. Suas roupas são, por assim dizer, matéria de agenciamentos, a partir da qual novas possibilidades de subjetivação podem ser pensadas; ao passo que seu corpo-mulher-lésbica simboliza uma superfície frutífera, um espaço político e simbólico, onde as normas podem – e devem – ser violadas.

Em suma, mais do que uma construção geográfica, os espaços são também uma construção cultural, de poder, uma vez que abrigam modelos de gênero e de sexualidade. São eles que nos situam no mundo e é neles que narrativas são criadas, repertórios são organizados, discursos são formulados em torno dos nossos corpos – quase sempre a partir de uma perspectiva cis-heteronormativa. Na análise aqui proposta, todavia, buscamos outra visão desse espaço: a de personagens lésbicas e/ou *queer*. Assim, transitamos nas fendas abertas por Magda, enquanto essa figura que nega os trajetos do binarismo e estabelece maneiras próprias de subjetivação. Entendemos que o corpo da personagem em destaque, de *Oito do sete*, é constantemente caracterizado e modificado na/pela mobilização dos espaços: à medida que ela se move por eles, suas possibilidades, posições, intersecções, passagens, ela também os desafia, cria utopias. Sublinhamos, por fim, a escritura de Cristina Judar, uma vez que ela permite um produtivo diálogo com as abordagens teóricas que sustentam o nosso fazer acadêmico e fortalecem o nosso compromisso político e social, em favor do respeito e contra a violência às dissidências sexuais e de gênero.

REFERÊNCIAS

BROWNE, Kath; FERREIRA, Eduarda (eds.). **Lesbian Geographies: Gender, Place and Power**. London: Routledge, 2015.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista [1988]. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de leituras**, n. 78, 2018. 16 p.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002.

*Pelas fendas
do espaço*

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Traduzido por Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

375

GALUPPO, Adriana. Se essa rua fosse minha também. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 13, p. 86-97, 2019. Disponível em: <piseagrama.org>. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

JUDAR, Cristina. **Oito do sete**. São Paulo: Reformatório, 2017.

MUNT, Sally. The Lesbian Flâneur. In: BELL, D.; VALENTINE, G. (Org.). **Mapping Desire: Geographies of Sexualities**. Londres: Routledge, 1995. p. 104-114.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Traduzido por Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação & Crítica** – Dossiê Sáfico, São Paulo, n. 20, p. 3-19, 2018. Disponível em: <www.revistas.usp.br>. Acesso em: 03 de junho de 2019.

PRECIADO, Paul B. Cartografias 'queer': o 'flâneur' perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou Como fazer uma cartografia 'zorra' com Annie Sprinkle. Traduzido por Davi Giordano e Helder Thiago Maia. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17, p. 1-32, jan. 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

*Elisabete
Costa Silva*

*André Luis
Mitidieri
Pereira*

376